



A COROAÇÃO DE NAPOLEÃO (RELATO DE MME. DE REMUSAT)

Chegado a Notre-Dame, o Imperador demora-se algum tempo no arcebispado para aí se revestir do traje de cerimônia, que parecia esmagá-lo um pouco. A sua fraca figura fundia-se sob este enorme manto de arminho. Uma simples coroa de louros lhe cingia a cabeça; parecia uma medalha antiga. Mas estava extremamente pálido, verdadeiramente comovido, e a expressão do seu olhar parecia severa e um pouco perturbada. Toda a cerimônia foi imponente e muito bela. O momento em que a imperatriz foi coroada produziu um movimento geral de admiração, não pelo ato em si, mas ela estava tão graciosa, caminhou para o altar tão bem, ajoelhou-se dum maneira tão elegante e ao mesmo tempo tão simples, que satisfez todos os olhares. Quando teve de ir do altar para o trono, ela teve um momento de alteração com as cunhadas, que lhe levavam o manto com tanta repugnância que vi o instante em que a nova imperatriz não poderia continuar a andar. O imperador, que se apercebeu disso, dirigiu a suas irmãs algumas palavras secas e firmes que puseram toda a gente em movimento. O papa, durante toda esta cerimônia, teve sempre um pouco o ar duma vítima resignada.

(Gustavo de Freitas, 900 textos e documentos de História, 118-9)

*

A INCOMPARÁVEL OBRA DA CASA DE AVIS

A Casa de Avis realizara obra incomparável. Dera um império ao pequeno reino saído do condado de Portucale; fizera desse reino,

durante certo momento, a nação mais poderosa do mundo. Era uma dinastia de soldados e comerciantes, nos primeiros tempos. Com D. João III transformou-se numa potência agrícola.

Concluiu-se que, inicialmente, o monarca não sabia o que fazer com o Brasil. O interesse luso levava-o a defender a terra, mas não tinha de como fazê-lo. Dois concorrentes o ameaçavam, espanhóis e franceses. Na falta de plano organizado continuou com a política paterna. Mandou uma expedição militar perseguir os corsários. A experiência serviu para mostrar-lhe a ineficácia. Propostas surgiram de colonização. O rei, ainda desnorteado, resolveu atendê-las, mas as custas do deficitário tesouro real. Surgiram as primeiras vilas, e com elas a certeza da impossibilidade de a Coroa continuar sozinha a exploração de terra tão vasta. Não houve solução senão recorrer ao já conhecido sistema das capitânicas hereditárias: o concurso particular. Mas, o sistema não resultou bem na terra nova. Outra mudança de rumo: o governo geral. A divisão de esforços neste regime misto – capitães-donatários cuidando de suas terras, por um lado; poder central, ajudando-os e fiscalizando-os por outro – deu bons frutos. A colônia prosperou. No sucesso, porém, não deve ser esquecido fator essencial, a exploração econômica – foi a cana-de-açúcar, acima de tudo, que fixou o homem ao solo. Nasceram cidades, abrem-se caminhos, aperfeiçoa-se a vida. Forma-se uma unidade política brasileira na costa, facilitada talvez determinada pela solidariedade econômica.

O Brasil deixa de ser simples campo de competição de comerciantes europeus ou pouso de aguada para as naus que demandavam às Índias, para ser vasta e rica colônia de intensa exploração agrícola. E isso se fez essa mudança no reinado de D. João III, graças não só aos cuidados da Coroa, senão também – e especialmente – à sabedoria com que o príncipe soube escolher os homens que pôs à frente da obra, dos quais se destacam, forçosamente, Martim Afonso de Sousa, Duarte Coelho, Tomé de Sousa, D. Duarte da Costa e, por fim, Mem de Sá.

(Vicente da Costa Tapajós, *A política administrativa de D. João III*, 112-113).
Editora da Universidade de Brasília, 1983).